

Almeida, Maria Antónia Pires de (2002), “Albardeiro”, Conceição Andrade Martins, Nuno Gonçalo Monteiro (orgs.), *A Agricultura: Dicionário das Ocupações*, Nuno Luís Madureira (coord.), *História do Trabalho e das Ocupações*, vol. III, Oeiras, Celta Editora, p. 281. ISBN: 972-774-133-9.

Albardeiro.

Grupo: Outros.

O Albardeiro é o artesão que fabrica e vende albardas, selas grosseiras de tecido e couro que se colocam sobre o lombo dos animais de tracção e de carga. Num mundo rural dependente de bestas de carga para o transporte de praticamente todos os produtos, o acondicionamento da carga sobre o lombo das bestas era algo de grande importância. No entanto, a durabilidade das albardas fazia com que o seu consumo não fosse tão frequente como os produtos de outros artesãos. Por esse motivo, o albardeiro é uma figura presente em várias fontes e ao longo de todo o período estudado, mas com uma intensidade muito baixa. Encontrou-se por exemplo na Misericórdia de Santarém no século XVI (Palma, 1987), nos Livros de Décimas de Avis e Montemor-o-Novo em 1690, nos Registos Paroquias e nos Recenseamentos eleitorais da Covilhã em 1859 e de Avis entre 1870 e 1964. Está ainda presente no Recenseamento Geral da População de 1940, mas já não tem lugar no de 1960. Esta classificação foi encontrada na Lavoura do Monte Padrão, em Figueira e Barros, ainda em 1951 na categoria dos Trabalhadores Eventuais.

Habitualmente este artesão era ambulante, instalando-se por períodos mais ou menos prolongados, dependendo das encomendas, nas vilas, aldeias e eventualmente nas sedes das casas agrícolas mais importantes, e somente nas cidades e vilas de maiores dimensões se justificava ter uma oficina aberta. Como a sua dispersão geográfica se articulava directamente com a da utilização de gado muar e cavalariço no transporte de pessoas e mercadorias, não é de estranhar que em meados do século XX a maior concentração de elementos desta profissão se encontrasse no sul do país. Segundo os dados constantes do VIII Recenseamento Geral da População de 1940, mais de metade (55%) dos 605 albardeiros então recenseados exercia a sua actividade no Alentejo (111 só no distrito de Beja) e Algarve.

No romance *O Trigo e o Joio*, de Fernando Namora (1954), a personagem do albardeiro dá um toque de humor e pitoresco à tragédia que se desenrola.